

Entrevista

Desenhar com a água

Em entrevista, João Branco, fundador da Pluriescala, revela porque a arquitectura da água tem um peso tão importante na atividade da empresa.



Eduardo Ramalho

João Branco
arquitecto, fundador da Pluriescala

Por: Sónia Gomes Costa

Depois da sua experiência a trabalhar com arquitetura de água na GHESA desde 2002, decidiu criar a sua empresa, a Pluriescala, em Fevereiro de 2010. Porquê?

A Pluriescala foi criada com o objetivo de realizar projetos pluridisciplinares a várias escalas de intervenção nas áreas da Arquitetura, Planeamento Urbano, Arquitetura Paisagista, Arte e Design. Assumimo-nos como um grupo de trabalho aberto que conta com a participação de artistas nas áreas da escultura, artes plásticas, design e imagem.

Em que medida essa pluridisciplinaridade é uma mais-valia para a empresa?

Creio que foi a minha formação académica como arquitecto urbanista que despertou o meu interesse pelo tema da qualificação da cidade e pela sua interdisciplinaridade. Gosto de pensar a cidade com um todo, desde a escala urbana até ao projecto em detalhe, o que implica ter alguma sensibilidade e experiência na articulação das diferentes disciplinas e das diferentes equipas. Penso que essa é a mais-valia da Pluriescala. Também apostamos num contacto próximo com os clientes e parceiros, procurando sempre ter uma atitude construtiva e de aprendizagem com todos os que se cruzam connosco.

A arquitetura da água é o metier da sua empresa. Até que ponto é que funciona como o elemento diferenciador da concorrência?

Sim, a arquitetura da água tem desempenhado um papel importante no core business da empresa, mas não só. As áreas de Arquitectura e Paisagismo têm sido também uma vertente importante na nossa área de actuação, embora com maior concorrência. Mas sim, creio que a experiência adquirida em desenhar com a água nos tem permitido construir um portfolio diferenciador e aceder a um

Entrevista

fonte "tree of the world" – escultura de Pedro Vasconcelos



mercado muito específico. A nossa intervenção com a água vai desde a grande escala – por exemplo a concepção de um parque temático com vários tipos de fontes ornamentais – até ao mobiliário urbano com água, passando pelas intervenções em praças, jardins e rotundas, entre outras.

O que têm projetado com água?

Fomos recentemente convidados para desenvolver um conjunto integrado de fontes ornamentais, temáticas, para o segundo maior parque urbano de São Paulo – o Parque do Carmo – tendo como tema a natureza. Foi sobretudo, uma excelente oportunidade de nos apresentarmos em parceria com a Ghesa no município de São Paulo, que é também a minha cidade natal, mas também uma oportunidade para pensar novos conceitos. Entre os quais destaco um conjunto de esculturas em forma de flor que libertam vapor de água durante o dia e à noite esse vapor é iluminado com diferentes tonalidades de cor. Também um segundo conjunto escultórico em forma de pétalas, que jorram água através de forma gravitacional, em forma de chuveiro, mas que à noite permite criar desenhos personalizados, através do controlo sincronizado da queda da água. Estamos também, em parceria com a Ghesa, a desenvolver um banco-fonte modular, praticamente sem manutenção, para ser implementado em parques urbanos, centros comerciais, outlets, entre outros. O objectivo é criar um produto fácil de instalar, de implementar e de manter.

E quando a água não é a matéria-prima que o vosso cliente pretende, que outras soluções apresentam?

Existem inúmeras formas de valorização do espaço público, com ou sem água, seja com intervenções escultóricas ou paisagísticas, valorização de pavimentos ou mobiliário urbano singular, utilizando desde os materiais mais nobres até um tipo de intervenção mais económica e sustentável, onde se privilegiam os materiais naturais de cada região. Considero a valorização paisagística e urbanística dos lugares como um dos nossos pilares de actuação, precisamente porque permite atrair pessoas e investimento e gerar melhor qualidade de vida para as populações.

Entrevista



Como consegue garantir a sustentabilidade dos seus projetos, sobretudo em países com escassez de água?

Na verdade é um desafio, mas acredito que é sempre possível valorizar um espaço mesmo com poucos recursos. Por exemplo, concluímos recentemente um projecto para ornamentação de nove rotundas na Nigéria onde, para evitar custos de manutenção, propusemos soluções paisagísticas apenas com materiais locais como inertes, rochas e espécies florais.

Apostam nas parcerias?

Sim, as parcerias são essenciais. Começando nas equipas técnicas com quem trabalhamos até às empresas e universidades, com quem temos vindo a estabelecer algumas relações. Temos o objectivo de impulsionar e estimular a valorização urbana, nomeadamente em áreas emergentes como o Lighting Design, a Arte Pública ou o Design Urbano.

Até que ponto a parceria com a Ghesa é importante para a Pluriescala?

A parceria com a Ghesa é de extrema importância não só pela constante inovação tecnológica que nos permite introduzir nos nossos projectos mas, também, pela oportunidade que nos dá de criar novos conceitos paisagísticos e arquitectónicos e até mesmo escultóricos.

E ao nível da expansão para outros mercados além do português?

Estamos a começar alguns projectos conjuntos no Brasil, Marrocos e Angola. Estou em crer que o futuro dos nossos projectos passará por estes mercados.

Quais são os planos a curto/médio prazo?

Iremos continuar a investir na valorização urbanística e paisagística aliada à arquitetura da água, sobretudo por ser um elemento natural que pode e deve ser utilizado de forma sustentável.